

<Academia Brasileira de Ciências: das viagens de navio à ciência em rede>

<Fernandes, Ana Maria>

< Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC)

Universidade de Brasília (UnB)

Campus Universitário Darcy Ribeiro

Edifício Multiuso II – 10 andar

70910-900 Brasília – DF

Brasil

anaf@unb.br >

Resumen

<O trabalho analisará as mudanças na sociedade e nas formas de produção do conhecimento através da história e da atuação da Academia Brasileira de Ciências (ABC). As formas de conceber, estimular e compartilhar o conhecimento científico passaram por mudanças radicais desde o início do século XX, quando a ABC foi criada, até o início do século atual.

O contexto da criação e das primeiras décadas de atuação da Academia será contrastado com o atual, onde as formas de produção e de divulgação do conhecimento permitem a ABC se fortalecer nacional e internacionalmente em redes cada vez mais complexas. Ela tem buscado exercer uma influência crescente na formulação das políticas de ciência e tecnologia no Brasil, tanto como instituição quanto através de seus acadêmicos.>

Eixo Temático: < Sociedad y producción de conocimiento >

< 2BRS063>

< Brasil >

Palavras clave <Academia, produção, divulgação, conhecimento, internacionalização, redes >

Proyecto(s) de investigación asociado(s) <Produção do Conhecimento Científico e Tecnológico no Brasil >

Período de investigación < 2000> <2005 >

Texto Completo

O trabalho analisará as mudanças na sociedade e nas formas de produção do conhecimento através da história e da atuação da Academia Brasileira de Ciências (ABC). As formas de conceber, estimular e compartilhar o conhecimento científico passaram por mudanças radicais desde o início do século XX, quando a ABC foi criada, até o início do século atual.

A “sociabilidade científica” ou os rituais da ABC exigiam de um de seus membros do Recife viagens de navio até o Rio de Janeiro para participar de suas reuniões. Os acadêmicos locais acompanhavam os colegas que viajavam em missões científicas ao aeroporto e os recebiam no retorno, lembrando talvez uma forma de atualização em primeira mão e uma valorização da internacionalização deste conhecimento, numa sociedade periférica. Um dos seus membros passa do interesse e do discurso sobre a pólvora para a energia atômica e se torna o primeiro presidente do CNPq, órgão criado por forte influência da ABC e da premência de dominar o campo da energia nuclear.

O contexto da criação e das primeiras décadas de atuação da Academia será contrastado com o atual, onde as formas de produção e de divulgação do conhecimento a fortalecem, nacional e internacionalmente, e em redes cada vez mais complexas. Ela tem buscado exercer uma influência crescente na formulação das políticas de ciência e tecnologia no Brasil, tanto como instituição quanto através de seus acadêmicos.

Alguns dentre eles, biólogos e físicos, principalmente, tornam-se analistas e defensores da importância da ciência e tecnologia para o desenvolvimento brasileiro, seguindo uma tradição já existente nestas disciplinas, e também, muito frequentemente, executores desta política. Serão contrastados também os conteúdos e dinâmicas das investigações, o tipo de conhecimento almejado nos dois momentos e a concepção de utilidade social dos conhecimentos produzidos. Pode-se observar a presença da busca de internacionalização do conhecimento produzido no país, numa Academia de Ciências que, de uma atuação regional, quase local, busca uma nacionalização e internacionalização crescente.

A Sociedade Brasileira de Ciências foi fundada em 1916 e mudou o nome de Sociedade para Academia Brasileira de Ciências em 1921. É importante salientar que a criação desta Sociedade de Ciências foi anterior à criação de uma universidade no Rio de Janeiro, o que ocorreu só em 1920¹. Participavam das atividades da ABC todos os eminentes cientistas do Rio de Janeiro, ligados aos Institutos de pesquisa e também muitos professores da Escola Militar, da Escola Naval e do Museu Nacional.² Por ter sido criada no Rio de Janeiro alguns cientistas de São Paulo consideram a Academia muito “carioca”, portanto um grande esforço desta instituição, desde o início do século passado, foi tornar-se representativa nacionalmente e buscar os seus vínculos internacionais.

Sem dúvida, as mudanças nos meios de transporte e comunicação auxiliaram a ABC a estender sua influência nacionalmente e a fortalecer seus vínculos internacionais, mas estas orientações dependeram de decisões internas. A participação mais divulgada e considerada a mais importante da ABC foi na criação do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica (CNPq). Ele foi criado em 1951, mas já consta das Atas das Sessões Ordinárias da ABC de 1948 a leitura de projeto de criação do mesmo apresentado pelo acadêmico Carlos Chagas. Os dois pontos ressaltados na Ata são organização do quadro de pesquisadores científicos e concessão do tempo integral aos mesmos a juízo dos membros do conselho.

A criação do CNPq é um divisor de águas no processo de produção do conhecimento no Brasil ao institucionalizar a carreira do cientista, que na visão de alguns era exercida com total dedicação apenas pelos filhos de famílias ricas, ou, nas observações de Miller (1972) sobre o Brasil entre os anos 1940 e 1950 como uma terra virgem no ambiente científico e sem compreender o papel do Estado e do governo federal na criação destas condições de trabalho: “Neste ambiente, figuras como Carlos Chagas e Oswaldo Cruz impunham suas presenças mundialmente mais pelos seus esforços e perseverança do que pelas condições oferecidas. Eles eram casos isolados”.

Complementando esta observação de um estrangeiro, o acadêmico Costa Ribeiro, ao receber o prêmio Alberto Einstein pela descoberta do efeito “termo-

¹ Fundada como Universidade do Rio de Janeiro, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² Ver entrevista de Carlos Chagas Filho para a Autora em 1994.

dielétrico” ou efeito “Costa Ribeiro” apontou, em 1954, três fases na história das pesquisas físicas brasileiras:

“Uma caracterizada por um pequeno número de vultos isolados que não deixaram colaboradores nem continuadores; uma segunda fase caracterizada pelo aparecimento de núcleos de pesquisa sob a orientação de um pesquisador mais requintado e finalmente, uma terceira fase com início decisivamente pela criação do CNPq, cuja ação benéfica já se vem fazendo sentir pelo elevado número de novos trabalhos científicos publicados nos Anais da Academia e em outros periódicos do país e do exterior, com referência ao auxílio do CNPq. (*Ciência e Cultura*, 1954:52)”

Depois do CNPq várias instituições foram criadas para financiar e institucionalizar a atividade científica no Brasil, entre elas Capes (1951), Fapesp (1962) e Finep (1967).

Os objetivos e as ações da Academia, desde a sua criação, gravitam em torno da manutenção e/ou elevação do padrão científico, da disseminação do conhecimento científico, da representação nacional e da busca de vínculos internacionais, e da participação em decisões governamentais referentes à política científica. Nas últimas décadas nota-se uma preocupação maior com a participação em decisões governamentais e nos grandes debates nacionais, e como novidades, foram admitidos acadêmicos das Ciências Humanas e introduzida a preocupação e realização de intercâmbios científicos e de outros programas de treinamento de jovens cientistas.³

A divulgação do conhecimento científico e tecnológico sempre foi um dos objetivos principais da Academia. Em 1917 foi iniciada a publicação da *Revista da Sociedade Brasileira de Ciências* que foi renomeada e reativada como *Anais da ABC*, em 1929. Outras duas iniciativas com participação ativa da Academia foram a criação da Rádio Sociedade, primeira estação de radio-difusão do Brasil e da Associação Brasileira de Educação em 1924. As atividades como reuniões e as Atas das mesmas eram veiculadas no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Atualmente, a Academia lança mão de todos os meios modernos de comunicação para a divulgação do conhecimento, de suas atividades e das atividades importantes dos Acadêmicos.

Considerações Finais: Um acadêmico carioca declarou numa entrevista à autora, em *off*, que a ABC nunca teria feito nada de concreto para o fortalecimento da

³ Seria interessante analisar, em trabalhos futuros, as razões e justificativas para a inclusão tardia das Ciências Humanas na ABC.

ciência e da comunidade científica no Brasil, ou muito pouco, exceto a publicação dos Anais, que saíram atrasados, mas saíram. Ele prossegue: “mas o resto, essa ação que eu imaginava que ela pudesse ter, que poucas academias têm, ela não fez. Ela era mais conhecida do público antigamente do que atualmente (em 1984)”. O *Jornal do Comércio* teria transcrito todas as atas. Na opinião deste acadêmico ela deveria ser uma instituição de proteção científica do cientista e da ciência, que se fez necessária durante o período militar, mas não só, e deveria indicar ao governo os avanços necessários da ciência, indicar realmente a política científica que o governo deveria ter. “O governo pode não seguir, mas ela tem a obrigação de fazer isto”.

Observando a trajetória da ABC neste quase um século de existência é possível verificar seu papel pioneiro na promoção da ciência e tecnologia no Brasil, além do seu trabalho em prol da criação das condições ideais ou mínimas para a sua produção e difusão. No caminho, muitas vezes, ela suprimiu seu poder de atuação e sua voz. Observa-se atualmente uma mobilização maior da entidade e dos acadêmicos para participar dos grandes debates e das grandes questões relativas a C&T, à inovação e ao desenvolvimento mais justo do Brasil.

Importante ressaltar seu papel “...liderando e influenciando na criação de diversas instituições, viabilizando publicações científicas, desenvolvendo programas e eventos científicos, estabelecendo convênios internacionais, e disponibilizando recursos para a sociedade acadêmica” (ver <http://www.abc.org.br/historia/historico.html>).

Neste breve histórico também é relatado um substancial declínio na década de 80, após muitos recursos financeiros na década anterior e expansão das atividades. Importante ressaltar que a pesquisa realizada tratou da Academia na década do declínio, mais exatamente em 1984, o que ajuda a explicar a visão um tanto pessimista da mesma no momento (Ver Fernandes, 2000). Mas a década de noventa é retratada como de ascensão com recursos financeiros para vários novos programas e uma maior interação com a comunidade científica internacional. Eu acrescentaria a ocorrência na atual década de uma maior interação com a comunidade científica nacional e internacional e uma maior participação nas decisões sobre a política científica, tecnológica e de inovação do país.

Bibliografia:

Academia Brasileira de Ciências

<http://www.abc.org.br/historia/historico.html>) Consultada em 4-3-06.

Ciência e Cultura. “Academia Brasileira de Ciências – Prêmio Alberto Einstein”, vol. 6, No 1, 1954: 52-53.

Fernandes, A. M. (1997) *The Scientific Community and the State in Brazil- The role of the Brazilian Society for the Advancement of Science, 1948-1980*. D.Phil. Thesis, Oxford: Oxford University.

Fernandes, A.M.(2000) *A Construção da Ciência no Brasil e a SBPC*. Brasília: EDUnB/Anpocs/CNPq, 2ª Edição, 292 páginas.

Fernandes, A.M.; Balestro, M.V.; Motta, A. (2004) *O Arranjo Produtivo Local de Software do Distrito Federal*. www.ie.ufrj.br/redesist

Fernandes, A.M. (2006) *Inovação Tecnológica, Informação e Processos de Aprendizado*. *DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação*- v. 7 n.1 fev/06 http://www.dgz.org.br/fev06/Art_06.htm

Balestro, M.V. & Fernandes, A.M. (2005) *Dinâmica Inovativa e Políticas de Inovação para o APL de Software do DF*, XI Seminário Latino – Iberoamericano de Gestión Tecnológica –ALTEC 2005.

O Estado de S.Paulo. “Miller, sua missão é ‘caçar cientistas’” 4 de julho de 1972:19